

## *A Tradução na Teoria e na Prática*

JEAN-PAUL VINAY

Traduzido<sup>2</sup> por Yaracylda Coimet (Do original em francês), Magaly Rocha e Francisco Gomes de Matos (Textos em Inglês);

**E**m primeiro lugar, eu acho que o principal, se não o exclusivo, objetivo da teoria da tradução deveria ser o de ajudar os tradutores em seus trabalhos. Obviamente, tal atitude justifica os comentários que pretendo fazer e também reflete as circunstâncias especiais que me levaram a escrever sobre os problemas da tradução. Primeiramente me interessei por tais problemas no início dos meus estudos, tanto na *Sorbonne* como na *University College*, em Londres. Isso significa que nos anos 30 já havia um interesse pela tradução, especialmente na área de Inglês><Francês. Ela era vista como um procedimento pedagógico que desempenhava um grande papel no aprendizado de uma língua e sua cultura. A partir desse contexto, surgiu uma série de trabalhos franceses e britânicos voltados para especialistas em linguagem no início de carreira. O público americano prosperaria ao conhecer mais sobre esses trabalhos, frutos de reflexão sobre a relação entre linguagem e discurso, particularmente os trabalhos de Legouis, Derocquigny, Koessler, Boiliot, Veslot, Banchet, Tredez-Reibel, na França, e aqueles de Kastner, Marks, Orr, Ritchie, Moore; Lough, Seggers e Jeaffreson, na Inglaterra. O período entre as duas guerras, também o momento da minha formação acadêmica, foi iluminado por esses autores, os quais eu cito, desordenadamente, simplesmente para indicar aos tradutores americanos a existência de um rico corpus do qual os escritores contemporâneos freqüentemente se alimentam, sem, no entanto, sempre confiarem em seus predecessores.

Após a guerra, minha atenção se voltou para os problemas ao traduzir-se do inglês para o francês, freqüentemente em casos bem concretos, em combinação com os princípios do bilingüismo oficial, que começava a desenvolver-se no Canadá naquela época. Não se poderia imaginar um melhor laboratório experimental para o estudo da “tradutologia” – o que a ATA<sup>3</sup> chama simplesmente de “teoria da tradução”. Tudo tinha que ser feito: organizar cursos pós-secundários em tradução (Université de Montréal), alcançando o público em geral (Institut de Traduction; cursos noturnos em McGill) – construindo, em resumo, uma teoria que fosse essencialmente prática a princípio e baseada em *exemplos*. Tudo isso deve ser levado em consideração para apreciar-se tanto a estratégia, quanto a análise racional do primeiro livro de teoria nesse ramo, *La Stylistique Comparée du Français et l’Anglais*<sup>4</sup> (doravante SCFA; Vinay e Darbelnet 1958F), que eu e Jean Darbelnet escrevemos nos anos cinqüenta. Cada um de nós trouxe exemplos tirados de nossa experiência em Montreal e na *Bowdoin College*, em Maine.

Esse foi o ponto de partida para um grande número de trabalhos exploratórios escritos e apresentados ao público canadense nas páginas do *Le Journal de Traducteurs* (O Jornal de Tradutores.) atualmente chamado de *Meta*.

### **A Importância do Par Lingüístico Inglês><Francês**

Vamos fazer uma pausa por um momento para enfatizar que todos esses estudos, seja em Montreal ou na Europa, relacionaram-se principalmente ao Inglês><Francês. De fato, naquele tempo, a maioria dos textos canadenses, tanto do governo, como do setor privado, foi primeiramente escrita em inglês, e, como conseqüência, quase todos os textos franceses eram traduções. Isso não é mais tão verdadeiro assim, agora que o governo do Quebec cuida do destino da língua francesa, e existe, é claro, uma produção literária considerável redigida diretamente em francês. Mas, isso explica porque a maioria dos trabalhos sobre tradução focalizou a atenção no francês como língua alvo<sup>5</sup>, enquanto que no *SCFA* afirma-se que seus exemplos são palíndromos.



Nos anos 70, deixei Montreal e abandonei essa saudável batalha. Os *Angry Young Men* (Grupo de escritores britânicos) da tradução podiam dedicar-se seriamente à tarefa e explorar novas direções por meio de neologismos. Embora não queira de maneira alguma diminuir a importância da pesquisa deles, não posso deixar de subir na plataforma uma última vez para afastar algumas confusões sobre os objetivos que o *SCFA* estabeleceu para si mesmo (VINAY 1983).

### **Dois Comentários Iniciais**

Dessa breve introdução surgem duas idéias que eu apresento aos membros da Associação Americana de Tradutores. A primeira é simples em sua concepção, mas mais difícil na sua aplicação. Por razões citadas acima, desde 1960 existiram numerosos trabalhos sobre a tradução Inglês><Francês redigidos em francês. Agora, a minha impressão é que teóricos americanos freqüentemente não usam documentos escritos em francês. Eles, às vezes, apelam para teóricos estrangeiros, mas esses escrevem geralmente em alemão. Ofereço, como prova, as estatísticas da minha pesquisa superficial dos quatro primeiros volumes da *Série ATA*. De um total de 331 referências bibliográficas<sup>6</sup>, encontrei apenas 42 títulos franceses, e até mesmo esse número<sup>7</sup> poderia ser enganador, uma vez que ele pode responder pela nacionalidade de vários autores nos volumes III e IV (Seleskovitch, Lederer, Thiéry, Dejean le Féal). Preferiria acreditar que os trabalhos de teóricos da língua francesa podem ser conhecidos e apreciados pelos tradutores americanos. Para dar um pequeno passo nessa direção, citarei preferencialmente autores francófonos.

A segunda idéia que brota da minha experiência é a seguinte: a teoria da tradução não deveria ser uma responsabilidade dos lingüistas, embora que contribuições de lingüistas tenham sido decisivas para a descoberta de procedimentos tradutórios. A teoria da tradução deveria, primeiramente, ajudar os tradutores na busca por uma boa tradução, servindo como uma orientação e



um guia para os tradutores, estabelecendo como sua prioridade “a aplicação da teoria para problemas específicos de tradução”, como sugere Mildred Larson no fechamento da *Série ATA*, volume IV. Tal tradutologia aplicada corresponde precisamente aos interesses do *SCFA* e de seus seguidores (ROBERTS, 1984<sub>(f)</sub>: 48-57).

Ainda nos deparamos muito com um trabalho teórico que oferece apenas poucos exemplos concretos, ao passo que afoga seus leitores num mar de páginas densamente escritas e interrompidas apenas por notas de rodapé. Por outro lado, compare-se o interessante livro de Kade (KADE, 1980<sub>(a)</sub>) com as páginas agradavelmente bem ordenadas de Larson (1984<sub>(i)</sub>), Newmark (1988<sub>(i)</sub>) e Garcia (1982<sub>(e)</sub>). Esse também é o caso de trabalhos recentes como aqueles de Pergnier (1980<sub>(f)</sub>), Ballard (1984<sub>(f)</sub>), Delisle (1980<sub>(f)</sub>) e de numerosos trabalhos didáticos, de artigos escritos por Gemar, Gouadec, Seleskovitch, Tatilon, Andrie, Bénard, Horguelin, e de muitos outros. Acredito que uma bibliografia completa de tais trabalhos seria inoportuna nesse volume. (Os leitores são apresentados às famosas bibliografias de Delisle, Bausch, e Olmstead). Mas espero que minha lista, obviamente incompleta, estimule os leitores americanos a descobrirem um mundo de idéias e de procedimentos que infelizmente escondem-se atrás do véu de uma língua estrangeira.

### ***A Teoria e a Prática da Tradução***

Como sugeri antes, teoria para mim é o trampolim para a prática. Não que ela não seja interessante por si só. Qualquer reflexão sobre uma atividade humana é valiosa sem sermos obrigados a especular, antecipadamente, sobre sua possível aplicação na vida diária. Portanto, a teoria é relevante para os teóricos, mas freqüentemente é incompreensível para os tradutores ao sentarem para trabalhar. Eles esperam – e com razão – conclusões práticas dos teóricos.

Além disso, essas conclusões não devem repousar num estilo hermético. Certamente, é conveniente postular uma estrutura abstrata para descrever, por



exemplo, a passagem de um verbo na língua fonte para um substantivo na língua alvo e chamar essa troca de *transposição*. Mesmo assim, ainda permanece sem explicação como e quando tais transposições devem ser efetuadas; os tradutores não devem ter que atravessar uma selva de neologismos freqüentemente bárbaros para tentar encontrar a solução para um problema. Eles não têm nem o tempo, nem talvez a inclinação, como Journean (1981<sup>(f)</sup>:15) ironicamente mencionou. Para se traduzir bem, diz ele: “é suficiente conhecer bem duas línguas e saber redigir. Nada a mais que isto – ou pouca coisa a mais”.

Sem me deter mais nesse assunto, eu acho que devemos reconhecer que muitos livros teóricos, atualmente no prelo, são muito esotéricos para nosso tradutor, quanto mais para um membro da ATA, extrair algo deles. Parece-me que estamos lidando com dois mundos: o mundo da teoria da tradução e o mundo da prática da tradução que, como o Leste e o Oeste, nunca se encontrarão. É raro que os teóricos sejam tradutores (consulte Horguelin 1981<sup>(f)</sup>).

Todavia, é correto e apropriado para os tradutores refletir sobre suas técnicas, uma reflexão que os leva a corrigir seus erros, e, melhor ainda, a evitá-los. Como Seleskovitch e Lederer (1984<sup>(f)</sup>: 153) tão bem declararam: “na tradução, não é suficiente conhecer as línguas... deve-se estar atento para não confundir restituição de sentido com tradução, ou lingüística com a ciência da tradução”. Vejamos um exemplo. Seja o problema de traduzir *this* para o francês. Isso certamente causou muita nota baixa para os iniciantes, mesmo que, apesar disso, eles tenham adquirido, ao final dos estudos, uma certa sensibilidade para uma boa tradução. No entanto, uma abordagem teórica do problema poderia ajudá-los de modo mais perceptível, ao apresentar-lhes uma estrutura na qual essas experiências possam ser inscritas, permitindo ao iniciante imaginar como escolher entre *voici e voilà: ce, cette; le, la* ou até mesmo nenhum desses. Vejamos exemplos<sup>8</sup> como os seguintes:

- (1) *This* will be your little grandson. / *Ce* petit garçon est sans doute votre petit-fils. / *Esse* menino deve ser seu neto.
- (2) In all *this* immense variety of conditions / Malgré la diversité des conditions. / Em meio a *essa* grande diversidade de condições.
- (3) *This* is your receipt. / Reçu du client. / Recibo do sacado.
- (4) *This* is utter nonsense! / Elle est stupide, ton idée! / *Essa* sua idéia é absurda!



Para concluir essa seção, deixem-nos dizer que a teoria, valiosa por si só, deve ser colocada ao alcance dos praticantes e até mesmo ser atualizada especialmente para eles. Anteriormente, eu usei deliberadamente a frase “para evitar erros” porque minha experiência de ensino me obriga a acreditar que a melhor forma de ensinar é evitando que os alunos cometam erros. Lembramos muito bem os nossos erros, mas recordamos bem pouco a teoria que os explicam. As regras de tradução (as quais chamo de *trocas de palavras*) são, sem dúvida, retiradas de reflexão teórica. Mas essas regras estão embutidas em simples marcadores agindo como sinais que guiam o iniciante para o caminho correto antes que seja tarde demais.

### **Prevenção ao invés de Cura**

Naturalmente, os tradutores experientes estão bem cientes de tais coisas, pelo menos inconscientemente. Esse conhecimento prático é freqüentemente chamado de a “arte” da tradução. Mas, e quanto aos iniciantes? Ou aqueles que operam os processadores lexicais da tradução eletrônica? O SCFA foi criticado por afirmar que as diferentes regras de tradução de uma língua para a outra são processos preliminares. Delisle (1980F: 88-89) acredita que “as equivalências resultam de uma atividade comparativa que ocorre depois do ato da tradução propriamente dita”. E Dussart (1989F: 14) é ainda mais categórico:

Os representantes da estilística comparativa abriram caminho ao compararem originais e traduções. Eles esperavam se posicionarem no nível sistêmico. Mas, de fato, os fenômenos observados por Vinay e Darbelnet, Malblanc ou Wandruszka são apenas epifenômenos ou resultados de escolha... Esses fenômenos não elucidam de maneira alguma a estratégia de tomada de decisão do tradutor.

É verdade que o apelo à teoria pode funcionar antes ou depois do ato de traduzir. Para traduzir *This water is not fit for drinking* (Esta água não deve ser bebida) - aviso real encontrado numa torneira de um parque - eu posso refletir sobre o que li num contexto similar num país francófono e traduzir *Eau non potable* (Água não potável). Mas eu também posso pegar a caneta e justificar minha escolha:



estilo administrativo, ausência de dêitico, experiência de realidade que faz a expressão equivalente. Não escrevemos sem reflexão, e refletimos sobre o que escrevemos. Minha experiência me ensinou que antecipar uma troca (“troca de classe gramatical”) não é apenas possível, mas torna-se automático quando o processo tem sido utilizado uma série de vezes. Estamos lidando aqui com o mesmo processo que os livros textos usam quando ensinam aos francófonos o uso dos tempos verbais em inglês. Vejamos o famoso exemplo:

1. I bought	3. J'ai acheté (comprei)
2. I have bought	

É sem dúvida mais fácil lembrar que 1 e 2 são ambos expressos por 3 em francês do que saber quando traduzir *j'ai acheté* por 1 ou 2.

De fato, o que os tradutores podem censurar nos teóricos é o fato de apresentarem a operação tradutória com uma exposição muito fragmentada. É difícil lembrar de uma multiplicidade de regras que com certeza irão se sobrepor. Por exemplo, *easily rubbed off*<sup>9</sup>, traduzida por *qu'un frottement suffirait à enlever*<sup>10</sup> é composta por uma transposição tripla de advérbio para verbo, verbo para nome, e de partícula para verbo. Essa cascata de trocas de classe é a consequência da primeira escolha. A superposição de procedimentos tradutórios é uma constante e sugere o reagrupamento de procedimentos semelhantes, que tem como resultado final um considerável alívio para o trabalho do tradutor. O SCFA (Vinay e Darbelnet 1958F: 55) opera a partir da hipótese de que existem sete *procédés de traduction* (“técnicas tradutórias”) e diversas combinações entre eles. Outros, mais realistas, reduziram as operações para 2 ou 3. Analisando melhor, podemos sem dúvida deixar de lado o procedimento 3 (tradução literal), a não ser que para tranquilizar um iniciante metuculoso. Além disso, os procedimentos 1 e 2 são baseados no léxico e podem ser ensinados separadamente. Quatro procedimentos (do número 4 ao número 7) permanecem. Todos eles são relevantes e me parecem incontrovertíveis.



QUADRO GERAL DE TÉCNICAS TRADUTÓRIAS:<sup>11\*</sup>

	<i>Léxico</i>	<i>Organização</i>	<i>Mensagem</i>
1. Empréstimo <sup>12</sup>	F. Bulldozer (trator) I>P. Fuselage (fuselagem) P. Souvenir / Coffe break	F. Science fiction (ficção científica) I. (Pie) à la mode (torta com sorvete em cima (Americanismo)) P. À la carte (restaurante) / Top model	F. Five o'clock tea (chá das cinco) I. Bon voyage (Boa viagem) P. Au revoir / Hello!
2. Decalque...	F. Economiquement faible (economicamente frágil) I. Normal School (Escola Normal / de formação de professores) P. Bom appetite! (Bom apetite)	F. Lutétia Palace I. Governor General P. Recife Palace	F. Compliments de la saison (Saudações da estação) I. Take it or leave it (É Pegar ou largar) P. A hora do chá
3. Tradução literal...	F. ink I. encre P. tinta	F. L'encre est sur la table I. The ink is on the table P. A tinta está sobre a mesa	F. Quelle heure est-il? (Que horas são?) I. What time is it? (Que horas são?) F>P: Boa viagem!
4. Transposição...	F. Expéditeur (Remetente) I. From: (De) I>P. Remetente	F. Depuis la revalorisation du bois I. As timber becomes more valuable P. A partir da valorização da madeira	F. Défense de fumer (Proibido fumar!) I. No smoking (Não fumar) P. Não fume!
5. Modulação...	F. Peu profond (Pouco fundo) I. Shallow (Raso) F>P. Raso	F. Donnez un peu de votre sang I. Give a pint of your blood P. Doe um pouco do seu sangue	F. Complet (Cheio; lotado) I. No vacancies (Sem vagas) P. Não há vagas./ lotado.
6. Equivalência...	F. (Milit.) La soupe (A sopa) I. Br. (Milit.) Tea (O chá) I/F>P. O Rancho	F. Comme un chien dans un jeu de quilles (Como um cão num jogo de bola de <i>gude</i> ) I. Like a bull in a china shop (Como um elefante numa loja de porcelanas) F, I>P. Como um peixe fora d'água	F. Château de cartes (castelo com baralho) I. Hollow Triumph (vitória aparente) F, I>P. Castelos no ar
7. Adaptação...	F. Cyclisme (ciclismo) I. Br. cricket I. U.S. baseball P. Futsal (futebol de salão)	F. En un clin d'oeil (Num piscar de olhos!) I. Before you could say Jack Robinson P. É zapt e zupt!	F. Bon appétit! (Bom apetite) I. U.S. Hi! P. Bom proveito

- Quadro numerado segundo a ordem crescente de dificuldade dos procedimentos.

**Qual Teoria?**

Não importa o quão interessantes sejam, as considerações estritamente teóricas mal auxiliam os tradutores a lidarem com um texto difícil. Talvez seja válido dizer, como o faz Garcia-Lande (*Meta* 35.3:484), que a tradução ideal deve ser representada da seguinte maneira:  $LPC_i = (G_{tn}) = LPI_o$ . Mas o mínimo que podemos dizer é que a fórmula não é diretamente aplicável a problemas práticos.

Além disso, meu ceticismo a respeito dos estudos teóricos parece ser compartilhado por muitos professores de tradução. Autores que apelam por um melhor ensino da técnica não recorrem voluntariamente aos teóricos buscando inspiração. Roberts, Deslile, Gémar, Darbelnet exaltam um programa que é originado de *textos* e de um estudo detalhado do “culture générale” (um conceito difícil de traduzir para o inglês) e de culturas específicas. Por causa do “culture générale” (cultura geral), que é tão indispensável para os tradutores, Pergnier afirma que “devemos estudar profundamente as relações que existem entre o universo dos signos e o universo das representações”. É verdade; mas não devemos esquecer que essas relações são escritas em formas lingüísticas às quais temos que recorrer constantemente. “Se, de fato, a mensagem é o pivô da operação tradutória” (Pergnier 1980<sup>(f)</sup>), não é menos verdadeiro que a última é expressa na língua alvo e na língua fonte em formas lingüísticas que emergem num estudo contrastivo.

Roda Roberts (1984<sup>(f)</sup>: 49, citando Mounin 1963<sup>(f)</sup>) complementa, dizendo que “existe um equívoco sobre o sentido da palavra teoria no campo da tradução. Ela não é de modo algum um conjunto de axiomas e regras que podem ser ordenados para permitir a descrição da função da atividade tradutória, [mas] a reunião orgânica e sistemática de conhecimento, permitindo uma descrição ordenada de como classificar e explicar um conjunto de fatos conhecidos” (Mounin 1963<sup>(f)</sup>).

Para concluir, tentemos simplificar esse complexo emaranhado de considerações teóricas, propondo um único teorema: traduzir é encontrar um equivalente.



## Equivalência

Essa idéia não é recente. É encontrada em vários autores, a começar pelo SCFA (Capítulo VI como um todo). Neubert (1990<sup>(i)</sup>: 123) declara que: “A tradução é um processo como também é um produto; o “elo perdido” entre ambos os componentes parece ser uma teoria de relações de equivalência... A problemática da equivalência, um termo usado e abusado nos estudos sobre tradução, tem uma importância central.”

Delisle (1980<sup>(f)</sup>: 88), por sua vez, afirma que “traduzir é uma busca de equivalência de meios necessários para expressar uma mensagem única”.

A equivalência, dizem Vinay e Darbelnet (1958<sup>(f)</sup>: 242) “origina-se da *situação* e é aí que a solução deve ser buscada”. Se a cultura da língua fonte contém essa equivalência, “ela se impõe imediatamente, quando o valor preciso do segmento a ser traduzido é reconhecido”.

Assim, o princípio é bem conhecido, mesmo se alguns ainda hesitam quanto à forma de abordar o problema. Nida (1977<sup>(i)</sup>: 498) faz, inicialmente, uma distinção entre *equivalência formal* e *equivalência dinâmica*. Ao mesmo tempo ele reconhece que tais afirmações merecem um exame mais detalhado: “O princípio de *efeito de equivalência*, que desfrutou de uma grande popularidade em certas culturas em determinadas épocas, envolve-nos em áreas de especulação e, às vezes, pode nos levar a conclusões muito duvidosas. Por outro lado, Larson (1984<sup>(i)</sup>: 163-72) que aceita esse princípio, distingue três formas alternativas básicas nas quais um tradutor pode encontrar uma *expressão equivalente* para um conceito desconhecido na cultura e língua receptoras. Elas são (1) uma palavra genérica com uma frase descritiva, (2) uma palavra emprestada, e (3) um substituto cultural. Vemos que aqui nós retornamos precisamente para nossa distribuição precedente: (1) e (2) derivam do léxico, (3) da sociolinguística e da “cultura geral”. Para dar uma certo respeito aos procedimentos de equivalência, existe uma revista excelente chamada *Equivalences* (consulte as referências francesas). Eu suponho que o uso do plural neste caso seja para considerar as diferentes abordagens propostas. E uma vez



que a *Escola Alemã* recebe uma atenção especial dos teóricos americanos, deixe-me tranquilizar meus leitores americanos com uma citação de Diller (1978<sup>(a)</sup>: 21): “obviamente, o objetivo dos estudos tradutórios deve ser o de descrever as condições de validade para equivalência”.

Todo aquele que divulga um novo conceito, divulga também uma nova terminologia. No geral, os autores concordam em usar *equivalência*, às vezes entre aspas com algumas limitações e especificações: Catford (1965<sup>(i)</sup>), *equivalente textual e material*; Nida (1977<sup>(i)</sup>), *equivalente natural*; Koller (1987<sup>(a)</sup>) *Aquivalenz*; Jager (1975<sup>(a)</sup>) *Transferierbarkeit* (o que é transferível); etc. Popovic (1961<sup>(i)</sup>: passim) ainda faz a distinção entre *equivalência Lingüística* (tradução palavra por palavra), *equivalência Paradigmática* (gramatical), *equivalência Estilística (traduzível)*, visando uma identidade expressiva com uma variável de significado idêntico, e a *equivalência Textual (sintagmática)* e Formal.

Sua linha de argumentação não é difícil de ser acompanhada e pode levar a exercícios práticos úteis, muitos dos quais foram sugeridos no Congresso UQAM, em 1980 (consulte Thomas e Flamand 1984I). Koller (1987A: 186) vai ainda mais longe, encontrando não menos do que 11 variedades para deleitar o tradutor: “equivalência de conteúdo, equivalência estilística, equivalência formal, equivalência funcional, equivalência textual, equivalência comunicativa, equivalência conotativa, equivalência denotativa, equivalência pragmática, equivalência de efetividade, equivalência texto-normativa”, todas ordenadas de maneira atraente numa *Hierarquia de Pesquisa sobre Equivalência*.

### *Os Limites da Tradução*

Muita coisa tem sido escrita sobre a dificuldade crescente que os tradutores vivenciam em certos ramos nos quais as *pesquisas sobre equivalência* podem encontrar limites. Este pode ser um problema falso, como declara Lederer (em Seleskovitch, Danic e Lederer 1984<sup>(f)</sup>: 69), seguindo Mounin (1963<sup>(f)</sup>): “se



nenhum limite de equivalência lingüística for imposto, qualquer língua pode expressar qualquer idéia”. E mais ainda:

As declarações sobre intraduzibilidade feitas baseiam-se, de fato, numa confusão fundamental entre a *língua* (“langue”), objeto de descrição de gramáticos e de lingüistas e o *uso desta língua* por aqueles que a falam ou a escrevem... A intraduzibilidade é reduzida à impossibilidade de fazer a tradução coincidir *simultaneamente* tanto com a língua quanto com as idéias do original. Existe o risco de tornar as idéias obscuras ao fazer com que a tradução seja equivalente à língua; fazê-la equivalente às idéias significa renunciar a um respeito estrito pelas formas iniciais.

Devemos lamentar o fato de que os dicionários, na medida em que só lidam com *La langue* (a língua), rapidamente se tornam desatualizados.

No entanto, existe pelo menos um ramo bem delimitado no qual existem equivalentes entre termos de duas línguas postas em contato pelo ato da tradução: o das *expressões fixas* (“phrases figées”) ou *synthèmes* (“idiotismos”) para o qual um glossário seria plausível. Chamei a atenção sobre esse assunto no *SCFA* (Capítulo VI). Devemos ainda mencionar que, por um lado, as listas de tais equivalências fixas estão aumentando constantemente, e por outro, que tais relacionamentos lingüísticos variam com a época e a cultura. *Être sur son 31* [Pôr a (roupa) domingueira] em Paris é o mesmo que *Être sur son 36* em Montreal; *C’est bien dommage* [É uma pena] na França não corresponde a *Beau dommage*<sup>13</sup> [Belo estrago] no Canadá. Na França, as pessoas se cumprimentam dizendo *Bonjour* [Bom-dia!]. No Canadá, *Bonjour* significa “Au revoir” [Até logo!]. Além disso, pode haver para uma locução na língua fonte, diversos equivalentes na língua alvo (Larose 1989). Assim, o problema aparece com a ausência de um glossário ideal, para reconhecer um segmento de texto como uma expressão fixa e para tratá-lo como tal na língua alvo. Seleskovitch (em Seleskovitch, Danice e Lederer 1984<sup>(f)</sup>: 92) escreveu:

Para produzir um texto escrito sem a influência de outra língua, devemos começar pela idéia em si, despindo-a de sua própria língua para assim alcançar uma roupagem lingüística em outra língua... Devemos evitar comparações entre os elementos significantes nas diferentes línguas – o encadeamento lingüístico na tradução – para alcançar uma expressão de idéias – uma operação interpretativa que respeita tanto o sentido como os meios lingüísticos de expressão.



## Viagem ao Fim da Tradução

À primeira vista, traduzir trocadilhos e textos humorísticos parece impossível. Após muita reflexão, percebemos que podemos encontrar equivalentes que estão fundamentados essencialmente nos recursos culturais da língua alvo. Herzberg e Mones (1965<sup>(i)</sup>; citou Raphaelson-West 1989<sup>(i)</sup>:140) estão muito conscientes sobre esse assunto: “as piadas são traduzíveis unicamente se as respectivas culturas estiverem interessadas e acessíveis... É possível traduzir humor se você não esquecer que a tradução nem sempre será tão cômica quanto o original.”

Concluirei com algumas observações nessa área sobre a ambigüidade, que é um *desafio tradutológico* (Langheer 1990<sup>(i)</sup>). É perigoso traduzir trocadilhos e textos alusivos, mas não devemos considerar esses casos como excepcionais. Cada vez mais, a mídia e o comércio usam a ambigüidade em suas publicidades para atrair a atenção de seus consumidores. Alguns desses trocadilhos são escolhidos cuidadosamente e indicam um apelo conhecido a um *repertório de alusão* compartilhado por certo segmento da população, sendo que as alusões mais requintadas são reservadas para os itens de luxo.

Aqui vão alguns exemplos dessas traduções difíceis; eu me detive, propositalmente, em sugerir equivalentes aceitáveis em todos os casos. A busca deve, pelo menos, manter os leitores atentos.

- (a) Um anúncio colocado nos *shopping carts ou buggies* (carrinhos de compras) num *safeway* canadense: *Chicken à la cart (algo como "Galeto no carrinho")*, com a foto de um galeto assado. O trocadilho, obviamente, se refere à tão bem conhecida expressão francesa *à la carte*, e ao sinônimo inglês de *buggy* (carrinho de compra) que é *cart*. Uma vez que o cenário é a Colúmbia Britânica, não se vê nenhuma tradução, mas uma versão para o francês seria obrigatória no Quebec. O trocadilho feito com *cart* desaparece no francês, no qual *buggy* é *poussette*, no Quebec, e *dolly/chariot*, na França! Vamos buscar um equivalente em outra parte. O tema dessa publicidade é: “Você está



empurrando um carrinho de compras num supermercado e não deve esquecer que há galletos sendo assados nesse instante; por que então você não se apressa e não se presenteia com um?” Eu tentaria algo assim: *Dépêchez-vous! Les poulets sont rôtis!* (Apreste-se! Os galletos estão assados!) ou *Un poulet vous attend, tout chaud!* (Um galetto te espera, bem quentinho!) Algumas pessoas podem tentar um trocadilho com *broche* (“spit” em inglês e “espeto” em português) e dizer *Abbrochez!* (ao invés de *Approchez!* (Aproximem-se!)) *Les poulets sont cuits!* (Espete! Os galletos estão assados!) Trocadilhos desse tipo são freqüentes em propagandas e anúncios.

- (b) Um catálogo para encanadores: *The Drain Brain* (O Expert da Drenagem). Alusão ao *Brain Drain* (evasão de cérebros na academia) dos anos 60. Poderíamos tentar brincar com os diferentes significados da palavra *tuyau* (“pipe”, “tip”): *un bon tuyau!*<sup>14</sup> [um bom cano ou uma boa dica, respectivamente] ou brincar com *plombier* [encanador/chumbador], *plomb* [chumbo]: X, le plombier qui tombe à plomb.[O encanador que vem a calhar]<sup>15</sup>.

(c) Anúncio em uma peixaria: *our fish comes from the best schools*<sup>16</sup> (*nosso peixe vem das melhores escolas*). A propaganda ostenta a foto de pequenos peixes com barretes acadêmicos (em inglês: *mortarboards*). Se os peixes anglófonos vão para a escola, os francófonos vão para os *bancos* (em francês: *bancs*) de uma escola. Então, poderíamos tentar a sorte traduzindo por *Les bancs de Terre Neuve*<sup>17</sup>, de onde, de fato, se origina um monte de peixes. Infelizmente, *mortarboards* são diferentes na França e no Canadá. No entanto, eles são a mesma coisa no Quebec, então teria que existir dois anúncios diferentes, um problema que os publicitários anglófonos terão que enfrentar cada vez mais.

- (d) Anúncio encontrado numa loja de materiais de limpeza para donas de casa ou faxineiras na França: *Savoir fer* (“fer” ao invés de “faire”). Muito inteligente! A loja passa artigos de cama e mesa e roupas



usando *ferros* de passar (em francês: *fer à repasser*). O trocadilho recai na expressão idiomática *savoir faire* (lit. “saber fazer”, ou seja, a “técnica”), sugerindo que as donas de casa ou as faxineiras são excelentes. Uma rápida olhada nas páginas amarelas sugere que donas de casa ou faxineiras canadenses não fazem publicidade sobre serviços de passar roupas a ferro. Elas insistem no cuidado com os tecidos (“The Fabric Doctor” (O Doutor dos Tecidos)), com a limpeza (Crystal Clean (Limpeza Cristalina)) e se autoneameiam como *lavadeiras que lavam a seco*. Isto seria um limite de tradução?

- (e) O Canadá impõe um novo imposto chamado TPS (Taxes sur produits et services)<sup>18</sup>, em francês, e GST (Goods and Services Tax)<sup>19</sup>, em inglês. Existem rumores a respeito da cobrança de impostos sobre livros e a *Union des Écrivains Québécois* (União dos Escritores do Quebec) coloca cartazes por todas as partes: *TAXER LES LIVRES, C’EST IMPOSER L’IGNORANCE* (Tributar os livros é render tributo à ignorância). O trocadilho aqui é com a ambigüidade de *impor* (“impor, forçar, tributar”). A tradução inglesa *To tax books is to tax knowledge* (tributar os livros é tributar o conhecimento) não parece inteiramente satisfatória para mim.
- (f) Uma marca de lingerie feminina vendida no Quebec usou o slogan *Let’s whisper* (Sussurremos). Marcel Paré, um tradutor bastante renomado de Montreal, propôs *Parlons bas* (Falemos a meia voz) como tradução, aludindo a dois significados da palavra *bas* (“meias” e “baixo”) e ao sentido da expressão *parler bas* (“to whisper” em inglês e “sussurrar/ falar em voz baixa” em português). A administração da empresa, que provavelmente não conhecia o francês, recusou a tradução. Às vezes é difícil fazer um cliente entender a relevância de uma tradução.
- (g) Um banco anuncia empréstimos com facilidades: *Cool Cash*<sup>20\*</sup>. Um de nossos colegas canadenses, Paul Jinot, sugere um equivalente admirável: *Argent Content*, no qual *content* (contente, alegre) corresponde a *cool* (legal) e também a *cash* (no sentido de “comptant”:



pago em moeda corrente). (*Equivalências*, 18, 2-3) In caude venenum (“na cauda, o veneno”): após a guerra, eu quis traduzir o trabalho de Heinrich Spoerl (1930<sub>(g)</sub>), especialmente sua coleção muito divertida intitulada *Man kann ruhig darüber sprechen* (“Pode-se falar tranquilamente sobre isso”). A dificuldade lingüística combinada com a minha ignorância sobre muitos itens culturais me fez desistir do projeto rapidamente. Então, dedico aos tradutores americanos a introdução da história *Zeit ohne Zeit*: “Der Urmensch hatte Zeit, aber er wußte nichts davon. Wir Uhrmenschen wissen darum und haben die Uhren erfunden...”

## NOTAS

1. É interessante observar que os autores que escrevem em francês, e que trabalham seguindo o modelo do SCFA, usam *langue de départ* (língua de partida) ou *LD* e *langue d’arrivée* (língua de chegada) ou *LA*, ao passo que outros teóricos mais esclarecidos, que também escrevem em francês, decalam do inglês usando *langue source* (Língua fonte, português/*Source language*, inglês) ou *LS*, e *Langue cible* (Língua alvo, português/*Target language*, inglês) ou *LC*.

---

<sup>1</sup>-Trata-se da conferência proferida por VINAY nos Estados Unidos em 1980, publicado por LARSON, Mildred. *Translation: Theory and Practice*. Vol. V. American Translators Association Series. State University of New York at Binghamton, 1981.

2-N.T. Tradução inédita usada como leitura teórica para os cursos de Especialização em Tradução (inglês e francês) em 2004 e Bacharelado em Tradução da UFPE atualmente.

3- Associação Americana de Tradutores.

4-N.T. A Estilística Comparada do Francês e do Inglês.

<sup>5</sup>- É interessante observar que os autores que escrevem em francês, e que trabalham seguindo o modelo do SCFA, usam *langue de départ* (língua de partida) ou *LD* e *langue d’arrivée* (língua de chegada) ou *LA*, ao passo que outros teóricos mais esclarecidos, que também escrevem em francês, decalam do inglês usando *langue source* (Língua fonte, português/*Source language*, inglês) ou *LS*, e *Langue cible* (Língua alvo, português/*Target language*, inglês) ou *LC*.

<sup>6</sup>- Ao longo deste artigo as citações provenientes de fontes em diferentes línguas foram traduzidas para o inglês no texto no original, mas na nossa tradução, para o português. As referências serão indicadas, no texto, por uma letra depois da data de publicação, por exemplo, 1988<sub>(i)</sub> indica que a publicação foi em inglês. F será usado para francês, A para alemão e E para espanhol.



<sup>7</sup>- Número de preferências estrangeiras, em oposição às referências inglesas, nos primeiros quatro volumes da *Série ATA*:

	Inglês	Francês	Alemão	Espanhol	Russo	Latim
Vol. I	108	0	10	2	1	0
Vol. II	91	1	2	0	0	0
Vol. III	61	27	39	0	0	2
Vol. IV	71	14	0	3	0	0
Total	331	42	51	5	1	2

<sup>8</sup> - N.T. Convém salientar que esses exemplos de Vinay são destituídos de contexto, o que os torna problemáticos do ponto de vista do sentido.

<sup>9</sup> - N.T. Tradução literal: “facilmente removível (mancha)”. No francês, houve o acréscimo de *qu’un* para dar a idéia de facilidade representada em inglês pelo advérbio *easily*.

<sup>10</sup> - Tradução do francês: “basta esfregar para apagar” e dependendo do contexto também poderia ser “basta uma esfregadinha para apagar”.

<sup>11</sup>- N.T. Acrescentamos ao quadro de Vinay, a tradução em português (língua de chegada), ficando evidente que, nesse caso, os exemplos nem sempre coincidem com o procedimento indicado no quadro.

<sup>12</sup>- O conceito de empréstimo linguístico, por sua vez, já se desmembraria em adoções (da palavra tal qual) e adaptação (quando sofre mudanças, ex: *deletar*).

<sup>13</sup> N.T. É também o nome de um grupo de música popular quebequense muito conhecido no Canadá. (Fonte de informação: Centro de Estudos Canadenses da UFPE).

<sup>14</sup> N.T. Caso fosse feita a tradução literal [um bom cano] dir-se-á o contrário do pensamento do autor, posto que em português “um bom cano” nos remeteria a expressão “dar um cano em alguém” que significa *ludibriar*, ao invés de *ajudar*, como sugerem as expressões francesas e inglesas.

<sup>15</sup> N.T. Essa expressão também encontra as adaptações humorísticas nos nossos trocadilhos: “X, o encanador que não entra pelo cano” ou “X, o *chumbador* que não perde o prumo”.

<sup>16</sup> School, no contexto pesqueiro, pode significar *cardume*.

<sup>17</sup> N.T. Os bancos de areia da *Terre Neuve* ou os bancos dessa região.

<sup>18</sup> Imposto sobre produtos e serviços.

<sup>19</sup> Imposto sobre produtos e serviços.

<sup>20</sup>N.T. *Cool cash* corresponderia a algo como “dinheiro vivo” em português.

